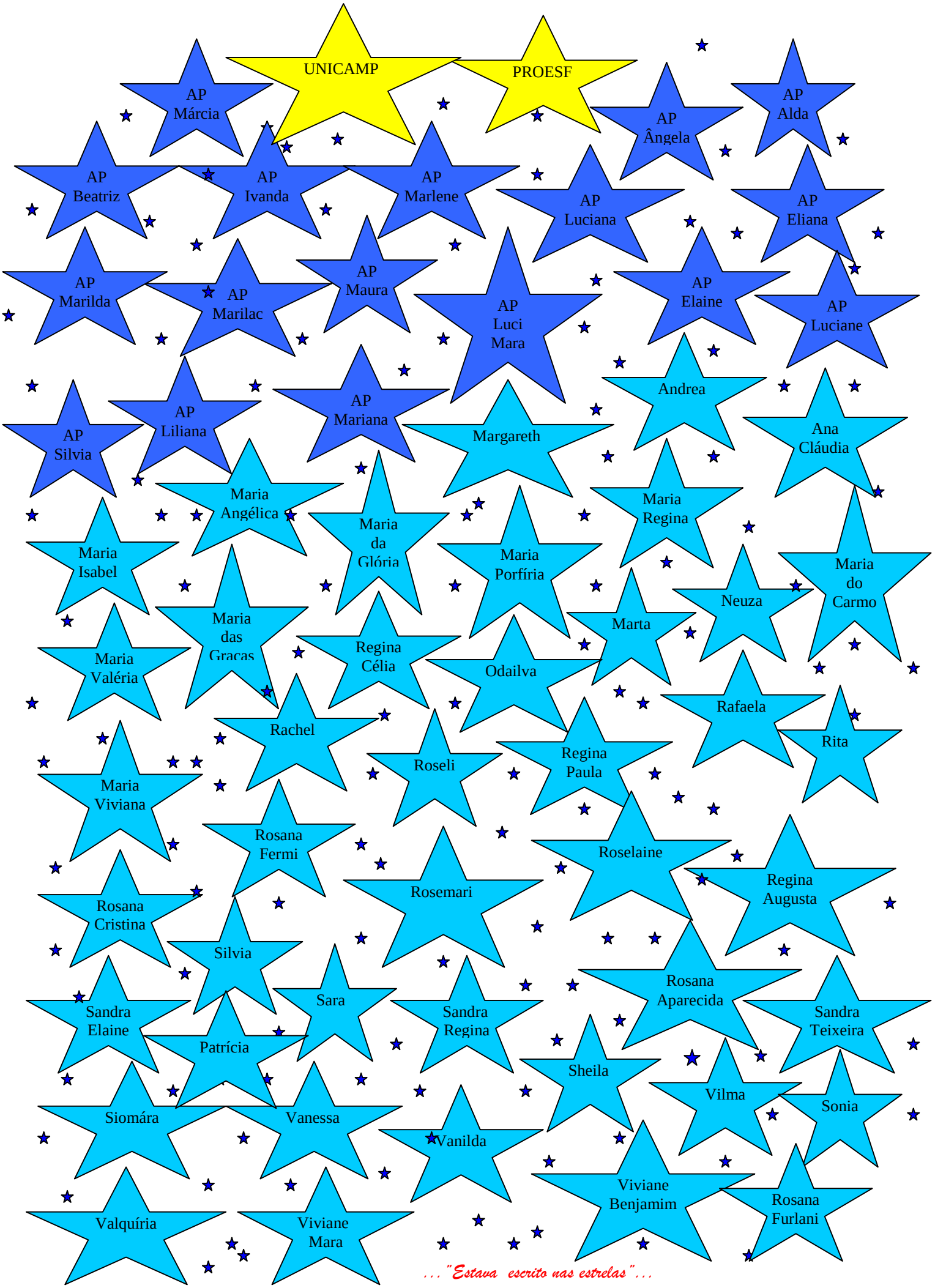

UNICAMP
PROESF
AP Márcia
AP Ângela
AP Alda
AP Beatriz
AP Ivanda
AP Marlene
AP Luciana
AP Eliana
AP Marilda
AP Marilac
AP Maura
AP Luci Mara
AP Elaine
AP Luciane
AP Silvia
AP Liliana
AP Mariana
Andrea
Margareth
Ana Cláudia
Maria Angélica
Maria Regina
Maria Isabel
Maria da Glória
Maria Porfíria
Maria do Carmo
Neuza
Maria das Graças
Marta
Maria Valéria
Regina Célia
Odailva
Rafaela
Rachel
Rita
Roseli
Regina Paula
Maria Viviana
Rosana Fermi
Roselaine
Regina Augusta
Rosemari
Rosana Cristina
Silvia
Rosana Aparecida
Sandra Elaine
Sara
Sandra Regina
Sandra Teixeira
Patrícia
Sheila
Vilma
Sonia
Siomára
Vanessa
Vanilda
Viviane Benjamim
Rosana Furlani
Valquíria
Viviane Mara
. . . "Estava escrito nas estrelas" . . .

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MARIA ANGÉLICA AMADOR BELMUDES

LUZ, VIDA, LEMBRANÇAS, MEMÓRIAS, REFLEXÕES, PENSAR, RE-PENSAR, TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA

INDAIATUBA

2005

MARIA ANGÉLICA AMADOR BELMUDES

LUZ, VIDA, LEMBRANÇAS, MEMÓRIAS, REFLEXÕES, PENSAR, RE-PENSAR, TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Indaiatuba

2005

MARIA ANGÉLICA AMADOR BELMUDES

LUZ, VIDA, LEMBRANÇAS, MEMÓRIAS, REFLEXÕES, PENSAR, RE-PENSAR, TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ___/___/_____

_____

Nome do 1º Leitor

Faculdade de Educação/UNICAMP

_____

Nome do 2º Leitor

Faculdade de Educação/UNICAMP

Dedico este trabalho aos meus pais Quirico e Gertrudes, minha filha Fernanda e seu marido Vinícius, a criança Gabriel Thiesen por já fazer parte de minha vida, a minha tia Benedita por tanto incentivo, e principalmente ao meu marido Miguel, pela trajetória de longa data (30 anos de casados), por sua sabedoria, pelos cuidados com a família, por ter colaborado em todos os momentos e de forma especial, apoiando-me, ouvindo minhas leituras, esperando-me a cada noite quando retornava da faculdade, por seu carinho e tanta dedicação.

“...Estava escrito nas estrelas, “tava” sim”... (Tete Espinola)

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o outro pela magia da nossa palavra.

O professor, assim, não morre jamais...”

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela nossa existência, a UNICAMP e a Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba, na pessoa da Professora Doutora Jane Shirley Escodro Ferretti, por terem proporcionado este curso, aos professores dessa caminhada por nos dirigirem e orientarem com tanta sabedoria e presteza, aos colegas de sala por compartilharmos ricas experiências, e principalmente as integrantes de nosso grupo, por tantos momentos felizes; Rachel Gullo pela sua beleza infinita, a Rosana Furlani que teve tanta paciência, a Patrícia Feijó com sua infinita luz, e a Viviane Benjamim que compartilhamos intimamente nossas aflições, desejos, conhecimentos, dificuldades, sabedoria, boas risadas.

APRESENTAÇÃO

Seres históricos, inseridos no tempo e não imersos
Nele, os seres humanos se movem no mundo,
Capazes de optar, de decidir de valorar.
Têm o sentido do projeto (...)

Paulo Freire

Escrever um memorial por exigência do curso de Pedagogia (PROESF) da UNICAMP causou-me certa apreensão. No início, procurei orientações, leituras, pensar, re-pensar, escrever, refletir, pesquisar junto aos meus familiares e colegas... tomei gosto pelo que estava fazendo e aqui segue o registro de minha história, uma trajetória de experiências pessoais e profissionais, mudanças ocorridas no decorrer da vida e principalmente na vida profissional envolvida pela vida acadêmica. Nesta autobiografia, combinei memória e imaginação. Através destas, recordei e escrevi com muita sensibilidade e propriedade, a minha história.

Reconstruí a minha vivência, baseando-me em relatos familiares e lembranças. Usei também a base física externa, ou seja, um repertório complementar capaz de transportar a lembrança para além do tempo vivido: as fotos.

Buscando agora recursos, lembranças, memória, documentos, ao fazer este registro resgatando o passado, não tão distante, mostro o quanto é imprescindível o registro feito pelos educadores.

> *Se a vida é o lugar da educação, a história de vida é o terreno do alargamento das competências que fazem do educador um investigador crítico, pela auto-reflexão das próprias práticas. É a investigação autrocrítica sistemática que faz o educador: e isto melhor se dá através da escrita que registre os momentos significativos das situações em permanente mutação.*[1]

Procurei resgatar o máximo de minha história, os momentos significativos, rumos tomados.

> *Não nascemos apenas herdeiros de caracteres biológicos, nascemos, muito mais, imersos numa cultura-povo. (Cf.Dussel:24), ou melhor, numa estrutura simbólica de linguagem que nos assujeita e interpela, conferindo-nos em troca, nossa identidade, nosso lugar símbolo próprio.(Cf. Marques 1995:36).*

[1] Mario Osorio MARQUES, 4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão, p. 1.

LUZ E CAMINHO

> Devemos permanecer sempre de atalaia, experimentar todos os nossos passos, partir da tradição, apoiar-nos nela nos momentos difíceis, mas ultrapassar e abandonar os caminhos traçados, lançar pontes, cavar túneis, escalar encostas, alcançar cimos, para irmos sempre em busca de mais claridade e mais sol. (...)
> Tire o chapéu para o passado.
> Tire o casaco para o futuro!
>
> Céletin Freinet[1]

Nasci aos 06 dias do mês de maio do ano de 1954, na cidade de São Paulo, sendo meus pais Quirico Amador e Gertrudes Galhardo Amador. Nomes antigos, o de papai incomum. Seu nome foi escolhido por seus pais em homenagem a San Quirico, santo espanhol, para o qual há uma praça em sua homenagem na Espanha. O de mamãe, se deve a um costume da época no qual todas as primeiras netas deveriam ter o nome da avó paterna. Quanto ao meu, mamãe havia escolhido Angélica para homenagear sua avó materna, e por eu ter nascido em uma maternidade[2] dirigida por freiras, estas sugeriram a mamãe que colocassem o nome Maria por ser mês de maio o mês de Maria, mãe de Jesus. Assim, meu nome foi constituído, Maria Angélica.

Minha árvore genealógica, é formada portanto de linhagem estrangeira, espanhóis e italianos.

[1] (1991, pp. 94-95)
[2] Maternidade do Hospital LEÃO XIII

MATERNIDADE
DO
HOSPITAL LEÃO XIII
RUA POUSO ALEGRE N.º 1
SÃO PAULO
SECÇÃO DE RECEM NASCIDOS
MÉDICO:

Meus avós paternos, Antônio Amador e Dolores de Souza, ambos de nacionalidade espanhola. Nasceram em Canária e Galícia, respectivamente, vieram para o Brasil como imigrantes.

Papai não conheceu sua mãe, porque ela faleceu no último dia de seu "resguardo". Segundo relato de família, era costume naquela época fazerem sabão em casa e vovó vendo que aproximava-se um temporal, foi recolher o sabão, e acabou tomando chuva, consequentemente ficou febril e veio a óbito. Minhas tias Cristina, Antônia e Eugênia, irmãs de papai, foram quem cuidaram dele. Quando papai estava com sete anos, perdeu seu pai de forma trágica. Na época, um senhor

alegou que ao colocar seus apetrechos no chão, sua arma disparou atingindo mortalmente meu avô.

Como este, era pessoa de reputação, o caso foi encerrado. O crime só foi esclarecido, quando seu algoz em seu leito de morte, confessou que havia matado meu avô porque não podia pagar uma dívida, preferindo matá-lo do que pedir-lhe prazo para cumprir seus compromissos, pois era costume da época empenhar a palavra e não voltar atrás.

Não possuímos fotos de meus avós paterno, apenas as lembranças da pouca infância de meu pai, já que aos sete anos foi trabalhar no corte de cana-de-açúcar, prática da época quando as crianças colaboravam com sua mão-de-obra e esse trabalho não era visto como vemos agora, com muitos casos de exploração do trabalho infantil.[3]

> *O Brasil ao longo de sua história sempre foi marcado pela exploração da mão-de-obra infantil pertencentes as camadas mais baixas da sociedade. Estas crianças trabalhavam no Brasil colônia e Império para seus donos (crianças escravas), no início da industrialização, para os capitalistas (em especial as crianças órfãs, abandonadas ou desvalidas), para os latifundiários como bóia-frias, nas unidades domésticas de produção artesanal ou agrícola, nas casas de famílias, nas ruas para manterem a si e as suas famílias, cooptadas pelo tráfico de drogas para exercerem funções subalternas.*[4]

Minha ascendência materna, se dá pelas nacionalidades espanhola e italiana, ou seja, meu avô natural de Granada na Espanha minha avó descendente de italianos (Pádova).

Não tenho lembranças de vivências com meus avós maternos, pois faleceram quando eu era muito pequena.

[3] Lei n º 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Art º 60.
[4] Irma RIZZINI, .Pequenos Trabalhadores do Brasil. In DEL PRIORI. Mary et al. 2002.

Das fotos que possuo de meus avós materno, há duas que mais gosto. Uma é a do casamento deles[5], e a outra que foi tirada em 1957.

Um detalhe que mamãe lembrou-se ao observarmos a foto do casamento de vovó, é que no dia do casamento não foi possível tirar a foto. Como era rigorosa a tradição do uso de trajes branco para as virgens, bem como o uso da grinalda, foi permitido que vovó tirasse a foto no dia seguinte, porém não pode mais utilizar sua grinalda.

[5] casamento realizado em 1921.

Ao selecionar as fotos e reavivar a memória, elenquei também duas fotos que foram tiradas no mesmo dia da foto de meus avós (1957).

Uma estou com meus irmãos e na outra estou com minha prima Teresinha[6].

Somos três irmãos, Iva, Antônio e eu, a caçula.

Meu pai sempre foi um homem trabalhador, carinhoso, colaborador nos afazeres domésticos, participativo, íntegro, exigente nos princípios de vida, muito embora, tenha que reconhecer que nossa família sempre foi matriarcal.

Mamãe sempre carinhosa, atenciosa, prestativa, decidida, desde o início de seu casamento tomou controle da casa e posteriormente da família. Sempre ajudou com seus afazeres na renda familiar, ora costurando, ora crochetando, vendendo

[6] Teresinha Gagliardo, filha de meus tios Valentina Ranieri Gagliardo e Francisco Gagliardo, ele irmão de mamãe.

frutas, e por algum tempo servindo refeições em nossa casa para os funcionários do escritório de uma empresa próxima a nossa residência[7].

E por falar em meus pais, mais uma foto deve fazer parte deste memorial, a foto do casamento deles, realizado em 04 de abril de 1942.

As lembranças que os dois resgataram até hoje, é de uma vivência magnífica, com relatos detalhados de cada momento compartilhado quotidianamente, momentos de luta por dias melhores, conquistas, batalhas vencidas, momentos de dor e felicidades vividos lado a lado, passo a passo.

[7] Indústria Fabrini.

Nas décadas de 40, 50 nossa família não tinha grandes posses e nem facilidades para registrarem com fotos o crescimento dos filhos, principalmente por se tratar de três; portanto, temos poucas fotos de nossa infância.

Seleciono para este registro, uma foto que estou sentada em um degrau nos estúdios de um fotógrafo. Mamãe relata que eu estava com três anos[8], meu vestido, laço e sandálias eram vermelhos.

Um detalhe da foto que observei, é de um costume que tenho até hoje, o de cruzar os dedos, fato que ficou registrado.

[8] A foto é de 1957.

Tive uma infância muito feliz, muito embora, mamãe selecionava meus amiguinhos, e eu brincava muito com meus primos e primas.

Lembro-me de uma ocasião, quando eu já estava com seis anos, na qual mamãe foi à Loja Pirani em São Paulo, pagar uma prestação e levou meu irmão e eu. Naquele dia “nosso passeio” foi mais completo, havia uma promoção de venda de instrumentos musicais, e um fotógrafo contratado pela loja, estava a disposição, gratuitamente para quem desejasse ser fotografado com algum instrumento. Logo, meu irmão e eu escolhemos a sanfona para posarmos. Não víamos a hora de retirar as fotos para contarmos a todos “nossa aventura”.

Desta época de minha infância, tive momentos maravilhosos. Esperava com grande ansiedade pelo final do ano, época que papai entrava em férias[9] e íamos todos para a casa de minha tia Cristina, irmã de papai, em Araraquara num vilarejo chamado Sessão Jacaré, pertencente a Usina Tamoio, em São Paulo. Seus moradores viviam do trabalho na lavoura de cana-de-açúcar.

Eram apenas duas ruas de areião, muito branco, semelhante a areia da praia. Quando o sol estava a pino, era impossível caminhar descalço. Naquele tempo a colônia não tinha energia elétrica, seus moradores possuíam apenas lamparinas.

A casa de tia Cristina era bem grande, possuía inúmeros quartos, sala de jantar, sala de estar, na cozinha tinha um fogão a lenha que eu amava. A única coisa que incomodava-me era o banheiro. Na verdade não possuíam banheiro na casa, era um cubículo construído muito longe da casa com uma fossa, para mim algo assustador, tinha pavor a cada vez que precisava utilizá-lo. Para o banho usávamos bacia, a água era de poço e aquecida no fogão a lenha.

A casa possuía horta, um enorme quintal com um pequeno jardim, muitas árvores frutíferas e animais. No fundo da propriedade passava um córrego com suas águas muito límpidas e os patos se deliciavam ali.

As galinhas, patos, perus andavam livremente pelo terreiro. Causava-me muita curiosidade quando ao entardecer, as galinhas dirigiam-se ao abacateiro para dormirem, não tinham galinheiro, as galinhas que tinham seus pintainhos abrigavam-se no paiol.

[9] Papai trabalhava na Empresa Chapéu Ramenzoni.

Sempre tinham porcos na engorda e meu tio João Gomes fazia questão de matar um quando íamos para lá. As carnes eram conservadas em latas de dezoito litros, pois naquele tempo não tinham geladeira.

Pela manhã acordávamos com o canto dos pássaros e dos galos, o cacarejar das galinhas, todos os ruídos dos animais causavam-me tanta curiosidade, tudo era muito lindo.

Na frente da casa da tia Cristina, tinha um enorme pé de jatobá[10], eu brincava por muito tempo naquela sombra deliciosa, lembro que um dia minha prima Maria ofereceu-me um jatobá, fomos colher e em sua sombra saborear, que horror!!!!!!!!!!!!, não consegui comer porque só o cheiro já foi horripilante, que experiência terrível, ela ria muito pois adorava jatobá.

Durante o dia era só brincar, brincar e brincar. Que felicidade!!! Quando anoitecia, reuniam-se os familiares e amigos para uma roda-de-conversa e ali contavam os "causos", recordavam tempos vividos, histórias em sua maioria sobre aparições.

> *(...)O brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de produtividade social.*
>
> *A vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e, principalmente, criativa.*[11]
>
> *A Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas, em 20 de novembro de 1959, foi proclamada para que esta "possa Ter uma infância feliz..." no seu princípio 7 º, a referida declaração coloca que: "A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito.* [12]

[10] Jatobá- da- Mata – Hymenaes stilbocarpa. Árvore de até 20 m de altura, que fornece madeira de cor vermelho-parda, própria para assoalho e forro. Produz uma resina de ação medicinal; a casca é tanífera ; o fruto possui polpa farinácea, comestível. Ocorre no Brasil Central. Família das leguminosas cesalpináceas.
[11] Nelson C. MARCELLINO, Pedagogia da Animação, p. 72. – 1990.
[12] Ibid., p. 64.

Eu, como toda criança estava curiosa para ouvir as histórias e depois morria de medo ao ter que ir para a cama, onde a luz fraca da lamparina refletida nas paredes, apareciam então “os meus fantasmas”. Que horror!!! Não via a hora que o dia amanhecesse para novas brincadeiras e depois anoitecesse para novas e tenebrosas histórias.

> *Cada povo, cada época, têm seus medos, e esses falam muito a respeito desses mesmos povos e épocas. Como? Você já teve medo de que o céu caísse sobre sua cabeça? Esse era o maior medo dos Vikings, grandes navegadores, cuja vida dependia da calmaria dos céus e mares. Na Europa, muita gente foi morta na fogueira porque as pessoas tinham medo de bruxaria, e coitado daquele que fosse acusado de possuir poderes mágicos...*[13]

Até hoje, quando nos reunimos para um dedo de conversa, sempre recordamos desse tempo maravilhoso de tanta fartura e felicidade.

Escrevendo este memorial e refletindo sobre:

> *(...) Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.*[14]

resgato então meu brincar, sobre as crianças da creche a qual atuo como Coordenadora, traço então um paralelo com as disciplinas, “Educação da criança de 0 a 6 anos” e “Pedagogia da Educação Infantil”, do curso de Pedagogia, disciplinas estas que muito contribuíram para minha prática, seja atuando, orientando ou compartilhando com meus pares.

[13] Heloisa PRIETO, Medo e Coragem, p. 4. - 2004
[14] Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, p. 28. – 1998.

PRIMEIROS PASSOS PRIMEIRAS LETRAS

> [...] a alfabetização, como um construto radical, deveria radicar-se em um espírito de crítica e um projeto de possibilidades que permitisse às pessoas participarem da compreensão e da transformação da sociedade.
>
> Henry A . Giroux

Quanto a minha vida escolar, iniciei na primeira série.

Lembro-me do trajeto que percorríamos, pois a escola ficava aproximadamente meia hora de caminhada do local onde morávamos, nesse caminhar íamos sem saber fazendo nossa leitura de mundo, hoje como educadora avalio o quanto perdemos de estímulos e incentivos por nossas famílias não terem tal conhecimento. *"*A leitura de mundo precede a leitura da palavra*"*[15]

Residíamos no bairro Parque Santo Antônio, na cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo. O bairro era isolado[16] pela Via Anchieta, apresentando um número considerável de empresas ao seu redor, sendo que a Empresa Ford possuía uma represa.[17]

A escola ficava no bairro de Rudge Ramos, chamava-se E.E.P.G. São Pedro, e lá estudei a primeira série do antigo primário.[18]

---

[15] Paulo FREIRE, A importância do Ato de Ler, p. 11. - 1981.
[16] O bairro era e ainda é isolado.
[17] A represa foi aterrada e hoje é o pátio da empresa Ford.
[18] Utilizo os verbos no passado, pois refiro-me ao tempo histórico e hoje desconheço dados sobre a escola.

Que alegria ir à escola, maior alegria foi quando no segundo dia de aula, voltei para casa com a lista de materiais e lá estava o pedido da Cartilha Caminho Suave.

Não recordo-me do nome da professora, lembro-me que o ensino era pura memorização mecânica do ba-be-bi-bo-bu, muita cópia, silêncio total, e quando a professora e a diretora entravam na classe, tínhamos que ficar em pé, ao lado da carteira, com as mãos para trás e se fosse a primeira vez do dia, saudar com um bom dia.

A sala era sempre mantida com as carteiras enfileiradas, como satirizou o Professor Sérgio Antônio da Silva Leite em uma de nossas Aulas Magna, "sala formato cemitério um túmulo atrás do outro".

Associo o vivido com nossa prática atual, não tínhamos participação construtiva naquela época, éramos visto como tabula rasa, sempre o professor o que tudo sabia, o "ensinador"; "aquele que sabe e que ensina para quem não sabe"[19], caráter este autoritário, o ensino mecanicista imperava e era o correto para o momento. A educação daquela época era a que o mestre Paulo Freire denominou como "Educação bancária"; sim, o educador será "...indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração."[20]

Lembro-me da prática de minha professora e hoje avalio-a como a educadora bancária, a educadora narradora, aquela que "deposita", "transmite valores e conhecimentos", "transfere seu saber" para seus educandos cuja única ação é a de receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Nesta educação portanto, onde a

[19] Paulo FREIRE, A Importância do Ato de Ler. p. 27. – 1981.

característica é a sonoridade e não a força transformadora, não há a criatividade, não há transformação e não há saber.

Hoje sabemos que vivemos um processo de construção contínuo de saber mais, entendemos que "o eixo principal do processo de alfabetização escolar é o que se estabelece entre o sujeito (aluno) e o objeto do conhecimento (no caso, a escrita), numa relação horizontal, com fluxo de ambas as direções."[21]

Recordo-me que no fim do ano já estava alfabetizada[22], escrevia frases, as quais, avalio neste momento como insuficientes, frases curtas, sem nenhum contexto, estilo "A pata nada". "A pata nada na lagoa."

Refiro-me hoje a nenhum contexto pois a maioria de meus amiguinhos, muito embora tivessem decorado que a pata nada na lagoa, nunca tinham visto uma pata a não ser na ilustração da cartilha.

> *Na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir das palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador.* [23]
>
> *Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. Para pensar certo devemos pensar sobre a nossa prática no trabalho. Devemos pensar sobre a nossa vida diária. Aprender a ler e escrever não é decorar "bocados" de palavras pra depois repeti-los.*[24]

Dois fatores pesaram na mobilização das mães para que o governo construísse uma escola em nosso bairro: o trajeto de casa para a escola era grande e principalmente a periculosidade de tantas crianças atravessarem as duas pistas da

---

[20] Paulo FREIRE, Pedagogia do Oprimido, p. 57. - 1987
[21] Sérgio LEITE, Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas, p. 33. - 2001.
[22] Estava alfabetizada, sabia ler e escrever; porém não estava letrada, não tinha me apropriado "da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam." (Magda SOARES, p. 19. – 2001)
[23] Paulo FREIRE, A Importância do Ato de Ler, p. 29. – 1981.
[24] Ibid., p. 55. – 1981.

rodovia Anchieta principalmente na época de neblina. “É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.”[25]

Em frente a minha casa havia uma grande área municipal e ali foi construído um galpão, uma cozinha, dois banheiros e um parquinho infantil, este espaço tornou-se a nossa escola. A foto foi tirada no dia da escolha do local.[26]

Lembro-me que a escola recebeu o nome de Primeira Escola Mista do Parque Santo Antônio[27], funcionava em dois períodos. Uma professora por período para duas séries. Pela manhã as primeira e segunda séries e a tarde as terceira e quarta séries.

Nesta época eu já estava na segunda série. Tenho maravilhosas recordações desse período, dos amiguinhos, das brincadeiras, passeios, da professora e até do prefeito e comitiva que sempre vinham na Escola.

Do curso primário as melhores recordações são da professora da terceira série, por nome Maria Isabel Tavares. Era bem jovem, carinhosa, uma sábia.

[25] Paulo FREIRE, Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa, p. 60. – 2000.
[26] Minha casa, estou ao fundo, Sr. José um vizinho, meus coleguinhas e D. Nenê, esposa do então prefeito Lauro Gomes (já falecido).
[27] Acredito que o nome Mista, foi dado devido funcionar duas séries por período.

Quanto a professora da quarta série foi um ano complicado, considero-a do tipo “mestre exigente discípulo obediente”.[28] Lembro-me que essa professora tinha costume de dar chamada oral de tabuada. Meus amigos e eu tínhamos horror a essa prática. Uma ocasião ela avisou que no dia seguinte ia ter a “tal chamada oral” e que decorássemos a tabuada do nove. Que sofrimento!!! Passei a manhã toda lendo, lendo, recitando em voz alta, decorando, minha mãe tomando a tabuada, tudo estava “na ponta da língua”. Que ilusão...

Quando chegou na hora, três colegas foram chamados e não conseguiram saber a tabuada, era só reguada em cima da mesa, que sufoco, quando sorteou meu nome mal consegui colocar-me em pé, a voz nem saia, não sabia quanto era nove vezes nove[29] e lá se foi uma reguada na mesa, o grito “senta logo” e em seguida meu choro, ela vindo para minha carteira... debrucei-me sobre a mesma e senti o peso de sua mão, o apertão foi tão forte com a ordem “estude mais”, que quebrou a “perninha” de meu óculos. Aí foi ela quem silenciou pois conhecia bem a minha mãe e sabia que não era de deixar que ninguém maltratasse nenhuma criança.

Como já citei, morava em frente a escola e a professora pediu que a servente fosse chamar mamãe. Retratou-se e propôs pagar o conserto. Daquele dia em diante mudou muito seu comportamento.

Pena que naquela época não tinha ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente, que em seu Capitulo IV, Artigo 53 inciso II assegura à criança e ao adolescente o direito de ser respeitado por seus educadores. Com certeza naquele tempo existiam leis, as quais, como hoje inúmeras são desconhecidas pela maioria

[28] Cf. MARQUES, Mário Osório, 4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão, p. 20.

das pessoas; mas, atualmente graças a Deus vivemos outra realidade, acredito que nunca mais nenhuma criança será torturada e humilhada como fui, e que não tenham experiências como as que vivi, que causam danos muitas vezes irreversíveis.

Apesar do medo que eu tinha dessa professora, tive boas notas e no dia da entrega dos diplomas ganhei um broche de madeira que possuo até hoje.

Quando recordo-me da prática de minhas antigas professoras, e com todo o conhecimento que nós educadores vamos adquirindo em nosso caminhar, e ao refletir sobre: "...Tudo que memorizamos só para passarmos nos exames, uns após os outros. Controlados pelas notas, memorizamos palavras sem entendê-las ou sem nos impor-tarmos com elas,[30] avalio, penso, tenho a certeza que apenas será mais um "depósito" (educação bancária).

O bairro onde morávamos tinha apenas três ruas e todos se conheciam, poucos moravam de aluguel, todos brincavam juntos, as brincadeiras eram sadias e não havia violência.

Desta época, lembro-me também de minha educação religiosa. Minha família de católicos não assíduos às missas, porém fervorosos na fé, davam muita importância que os filhos fizessem a primeira comunhão. Meus amiguinhos e eu íamos uma vez por semana na casa de Dona Florzina, hoje já falecida; ela morava em nossa rua, era muito enérgica porém carinhosa. Éramos orientados quanto as orações, posturas religiosa, contava-nos sobre a vida de alguns santos. Após um ano de "cursinho", ela autorizou que nossas mães procurassem a igreja de Nossa Senhora Aparecida, na Vila Paulicéia, em São Bernardo do Campo, para que

[29] memorização da tabuada sem construção concreta para entendimento do processo.

nós passássemos por uma avaliação com o padre, para que pudéssemos então fazer a primeira comunhão. Foi um momento de grande responsabilidade, respondemos aos inúmeros questionamentos e fomos aprovados. O “grande dia” chegou e foi marcante em nossas vidas.

Desta época, possuo duas fotos que gosto muito, uma é da minha primeira comunhão e a outra é de quando terminei a quarta série, e era costume fotografar com o diploma nas mãos.

Nas brincadeiras com minhas colegas, com minha sobrinha Selma Amador Rodrigues, com meu primo José Roberto Algarra, sempre eu era a professora, sonhava em ser uma ótima profissional. Sempre em nosso faz-de-conta, eu imitava

[30] Constance KAMII, A criança e o Número, p. 35. – 2001.

minha professora da terceira série, Maria Izabel, ela era maravilhosa.[31] Mas, nem sempre os nossos sonhos e desejos se realizam de imediato.

Na época o auge era estudar em escola pública, mas eu infelizmente não consegui passar na avaliação para ingressar no curso ginasial. Eram poucas escolas e muita disputa por vagas, causada pelo aumento da população em idade escolar no ensino secundário comparado com os demais ramos e níveis de ensino, (uma grande parte dos adolescentes ainda permaneciam fora da escola).

Hoje avalio que o meu provável despreparo com certeza também influenciou. A maior parte dos estudantes que conseguia entrar para a escola, era forçada a não prosseguir seus estudos para trabalhar e colaborar com os insuficientes ganhos de suas famílias. Estas, queriam "o melhor" para seus filhos: acreditavam que o estudo representava a oportunidade de ascensão social e insistiam para que eles estudassem, porém não havia escolas suficientes e o ensino secundário foi forçado a expandir-se com o objetivo de conter as tensões sociais (geradas também devido a outros fatores, tais como a falta de energia, de alimentação, e mesmo a alta dos transportes).

Através da política populista, as Sociedades de Amigos de Bairros conseguiram obter a instalação de vários ginásios estaduais. Mas, nem tudo eram flores: eram precárias as condições materiais, os recursos didáticos utilizados, a presença de professores contratados sem concursos. As unidades em situação irregular não alcançavam os mesmos recursos de um estabelecimento criado para esse fim. Várias foram as reformas até chegarmos na atual situação.

[31] Uso o verbo no passado, pois refiro-me a época, não tenho conhecimento de seu falecimento.

> *Foram necessários praticamente cinco séculos para que o curso secundário se incorporasse definitivamente ao ensino fundamental, e se, hoje, 90% desse ensino está nas mãos do Estado, ainda não podemos afirmar que está irrestritamente generalizado. De 1993 a 1995 as escolas fundamentais brasileiras receberam um aumento de 450, mil alunos, mas ainda temos aproximadamente 2,7 milhões de crianças fora da escola, sobretudo no nordeste. Quem tem acesso à escola fundamental ainda enfrenta o problema da evasão e da repetência.(Leal, 1998, p.58)*
>
> *.*

Como filha de operário, não tinha certas mordomias e em minha casa não dispunha de livros e brinquedos pedagógicos, acredito que por falta de conhecimento de meus pais, esse material não era valorizado.

Pois bem, meus amigos e eu fomos matriculados num curso de um ano chamado “Admissão”, era um preparatório para o ingresso no curso ginasial, e seu exame, foi por muitas décadas a linha divisória decisiva entre a escola primária e a escola secundária. O curso e os exames causavam grande tensão nos estudantes, bem como na família toda, pois obter uma aprovação naquela época, seria como ser aprovado no vestibular atual.

Fizemos este curso na Faculdade Metodista, em Rudge Ramos, na cidade de São Bernardo do Campo.

Preparamo-nos então para mais um desafio. Era uma boa turma para estudar e também “fazer bagunça”. Vínhamos pelas ruas, apertando uma campainha ou outra e correndo. Certa ocasião fomos apanhados tocando a campainha da casa de uma senhora muito brava, que avisou nossos pais e levamos um belo “sermão”!

Foi um ano de grandes esforços e também de muitas realizações, pois conseguimos ser aprovados.

Após esse curso, fomos estudar a primeira série do curso ginasial em uma escola particular, chamada Escola Técnica de Comércio “Cacique Tibiriça”.[32]

Era uma escola de nível, muito cara, papai na época trabalhava na Volkswagen do Brasil e tinha condições para pagar.

A maioria de meus amigos estavam na mesma situação, íamos para o colégio de ônibus, todos uniformizados, era maravilhoso.

O uniforme das meninas era blusa branca com o brasão da Escola bordado, saia pregueada azul marinho abaixo dos joelhos, meias três quarto branca e sapatos preto, o blusão de inverno era azul marinho com um índio bordado nas costas, que tomava todo o espaço.

Naquela época não era permitido calça comprida para as meninas. Lembro-me que minha amiga Guiuseppina, uma italiana, odiava o comprimento da saia e quando chegávamos ao ponto de ônibus, lá na Via Anchieta, ela enrolava tantas vezes a saia para encurtá-la e que decepção ao chegar no portão do colégio, lá estava o inspetor e muitas vezes o diretor para mandar desenrolar a saia, porque tinha o comprimento certo e não deixavam passar ninguém que estivesse com a saia curta.

O uniforme da Educação física era uma camiseta branca, calção azul marinho de elástico nas pernas, “bufante”, por cima uma saia branca pregueada, na altura do calção, meias três quarto branco e tênis branco.

Era muito exercício forçado, e nenhum jogo. Mais parecia um treinamento militar. Que horror!!!

[32] Essa Escola “ de comércio” era profissionalizante.

Resgatando este episódio e refletindo sobre o texto “Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade”[33] de Carmen Lúcia Soares, num trecho que diz:

“Esta escola como lugar de conhecer, estaria colocando, para o aluno, o que há de grandioso na ciência, ou seja, o homem diante da dúvida, diante de um processo que se constrói pelos erros e pela negação... por rupturas e continuidades e, sobretudo, por interesses humanos”,

penso que realmente ficamos diante da dúvida, porque tanto exercícios forçados sem prazer, na verdade não havia construção, pois não havia o pensar juntos e sabermos porque fazer os exercícios ao invés de jogarmos que era nosso desejo, nosso interesse humano.

> *(...) Snyders deseja que a escola possa ser invadida por aquela alegria que os jovens sentem e expressam nos campos esportivos... e para isso o conhecimento tratado em seu interior não pode ser hierarquizado. As atividades corporais e artísticas fazem parte deste lugar de aprender.*[34] *(...)Compete a nós, professoras e professores de educação física, sobretudo no contexto escolar, superar os equívocos do passado e do presente e imaginar uma ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, a nossa dimensão humana, o que quer dizer o ser humano cultura e não o ser humano máquina, o ser humano sujeito e não o ser humano objeto. Uma ginástica que consiga reagir aos dogmas da ciência positivista para encontrar as suas respostas (ou ainda, as suas perguntas). Uma ginástica que não esteja sintonizada com os estereótipos de corpo presentes na atualidade, que não esteja interessada em alimentar a “ditadura do corpo ideal”. Enfim, uma ginástica que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, redescobrindo o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal. Acredito ser possível projetar essas imagens por meio da ginástica geral.”*[35]

No ano seguinte, (1968) já na segunda série, descobrimos que no Ginásio Municipal de Esportes de São Bernardo do Campo, havia jogo de basquete e quem quisesse jogar, apenas comunicava a escola e a presença seria enviada posteriormente no final de cada mês. Foi a nossa grande chance, minha colega

[33] Carmem Lúcia SOARES, Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade, Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, Supl. 2, 1996.
[34] Ibid., Supl. 2, 1996.
[35] Eliana AYOUB, Ginástica Geral e Educação Física Escolar, Editora UNICAMP, contracapa, 2003

Guiuseppina e eu mais do que depressa fomos para lá, estudávamos pela manhã e duas vezes por semana jogávamos a tarde.

Na época também nossos pais nos matricularam na escola de datilografia[36], fizemos carteirinha da biblioteca e ficávamos "por conta" dos estudos.

Lembro-me de um fato que na época causou grande susto e preocupação e que depois serviu para muitas risadas.

Nesse colégio, comecei a "paquerar" um japonesinho chamado Luís, que estava na terceira série.

Na hora do intervalo ficávamos no pátio do colégio tomando sol juntos, com os demais colegas por perto é claro, porque era proibido a conversa de casais.

Quando saíamos do colégio, minha amiga Guiuseppina e eu íamos para a datilografia, era caminho da casa dele e íamos juntos, até que a "paquera" ficou mais séria e começamos ir de mãos dadas. Coisa que para aquele tempo, era proibido, pois já era considerado namoro sem permissão dos pais. Um belo dia no trajeto, ouvi um grito "olha sua mãe!", que desespero, mamãe tinha ido às compras com minha tia Benedita, e ao sair de uma loja nos viu. Não sei quem tremia mais, e o sermão que o Luís levou da minha mãe nem é bom lembrar. Naquele dia parece que a aula de datilografia terminou mais rápido e o medo de voltar para casa. Levei uma "bronca daquelas" e no dia seguinte, que tristeza tive que desistir do japonês, minha mãe sempre foi racista.

[36] Instituto São Bernardo de Mecanografia e depois concluímos o curso no Núcleo de Ensino Profissional Livre da Escola São Carlos.

Ficávamos nos olhando de longe e no ano seguinte ele mudou de colégio e nunca mais soube dele.

Um outro momento marcante do colégio foi quando a Guiuseppina e eu fomos estudar a noite, já estávamos na terceira série[37] e nos filiamos ao grêmio estudantil[38] e entramos para a fanfarra do colégio.

Foi o melhor dos quatro anos do curso ginasial, Guiuseppina tocava repique e eu caixa, “nossa” fanfarra era considerada uma das melhores da cidade, apresentávamo-nos em nossa cidade nos desfiles cívicos, íamos representar nosso colégio e nossa cidade em vários lugares.

Nosso uniforme era blusa vermelha de mangas compridas e gola alta, saia branca justa, desta vez era acima dos joelhos, meia três quarto com pompom

[37] 1969.
[38] Não tínhamos nenhum tipo de envolvimento com o grêmio estudantil, a não ser participar da fanfarra.

vermelho e sapatos preto, para os homens mesma blusa, calça branca e sapatos preto, para todos o chapéu estilo cartola, com adereços.

Nesta época de Ditadura que muitos chamavam de Ditadura Militar, era constrangedor para muitos a obrigatoriedade de desfilar, e para meus amigos e eu a felicidade de participar de um evento tão grandioso, o amor à Pátria, o senso de civismo e cidadania, ver nossos pais tão orgulhosos de seus filhos representando o que podemos chamar de "uma minoria privilegiada", "fazendo bonito"; e para o governo, era popularizar o 7 de setembro, incutir o espírito cívico da população, o fortalecimento do poder Estatal e as mobilizações para estimular o patriotismo, e nas grandes capitais, mostrar a passagem das forças armadas e seu poderio bélico.

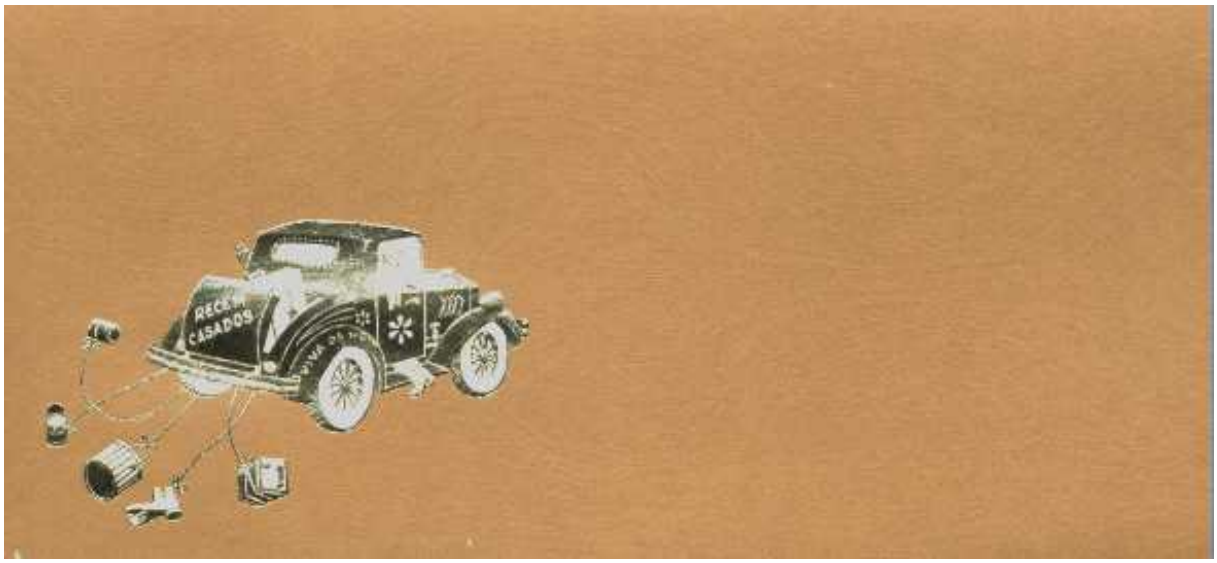
No curso primário nunca fui reprovada, terminei o ginasial em 1970 sem nunca ficar retida ou de recuperação.

Em dezembro deste ano "conheci" [39] meu marido. Ele já com trinta e três anos e eu com dezesseis.

O pensamento humilde de mamãe era que as moças precisavam preparar-se para o casamento, saber costurar e outros afazeres que uma boa esposa e mãe precisavam saber. O estudo acadêmico era para os homens que segundo seu conceito, precisavam sustentar a família.

Não segui então o meu sonho de ser professora, nesta época trabalhava no escritório da Empresa Proema Produtos Eletro Metalúrgicos Ltda, comecei então a fazer o curso de corte e costura, preparar meu enxoval e casei-me aos vinte anos.

[39] Na verdade conhecia-o desde minha infância quando ia ao bar de seu irmão fazer compras.



A Igreja Católica é a sociedade de todos cristãos que professam a mesma fé
e une para sempre dois corações com o enlace matrimonial de

Angelica e *Miguel*

a realizar-se às dezessete horas e quarenta e cinco minutos do dia doze
de Abril de mil novecentos e setenta e cinco na Igreja São João Batista
Largo São João Batista Rudge Ramos - São Bernardo do Campo
Onde os noivos receberão os cumprimentos

Gertrudes G. Amador — *Quirico Amador*

Rosalia Belmudes — *João Belmudes*

Sentir-se-ão honrados com a presença de V. Exa. e Exma. família.

PRAÇA 5 N.º 22 - PARQUE SANTO ANTONIO - S. B. C. - RUA VILA LOBOS N.º 171

ANGELICA
E MIGUEL

Haverá recepção na
residência da noiva

Praça 5 No 22
Parque Sto. Antonio S.B.C.

No ano de 1975, enquanto eu realizava o sonho de casar-me, teve também outro marco; este, para o mundo: o da Organização do Movimento Feminino pela Anistia, fundado por Terezinha Zerbini. As mulheres exiladas nos Estados Unidos e na Europa voltavam para o Brasil trazendo uma nova forma de pensar sua condição de mulher, em que somente os papéis de mãe, companheira e esposa (submissão dócil) não mais serviam.

SONHO DOURADO

Quem não ama não compreende;
quem não compreende não vive;
mas quem ama e compreende
sabe que será imortal,
como o amor.
Platão

Como toda mocinha, eu também queria casar-me. Nossa cerimônia foi realizada no dia 12 de abril de 1975.

Fomos morar com minha sogra que já estava com 76 anos e não podia mais ficar sozinha, muito embora tivesse o David, irmão de meu marido ainda solteiro e não pretendia casar-se.

A família de meu marido também de espanhóis, quase não falava português e isso causou-me certo constrangimento, muita coisa ficava complicado de eu entender, meu marido e minha mãe ajudavam-me. Minha sogra era uma pessoa maravilhosa e tinha muito carinho comigo.

Convivemos juntas apenas seis meses e ela faleceu de um ataque cardíaco fulminante.

Nesta época eu já estava grávida e ainda não sabia, foi uma pena porque ela sonhava tanto com mais uma netinha.

Até o momento de um parto complicadíssimo não sabíamos ainda o sexo do bebê, portanto escolhemos então dois nomes, Douglas Eduardo e Fernanda Cristina. Muito embora, o ultra-som começou a ser usado na ginecologia-obstetrícia em 1958, mas com imagens péssimas, na época do meu parto ainda estava sendo

aprimorado, e somente “nos anos 80, ele entrou realmente na rotina obstétrica, tornando-se uma ferramenta poderosa que permitiu acompanhar todo o desenvolvimento do feto, e hoje temos marcadores importantes, com capacidade para identificar 85% das malformações”. (Oliveira, 2004. p. 13)

Minha filha Fernanda Cristina nasceu em 01 de agosto de 1976, às 19:40 horas na Maternidade Nossa Senhora de Nazaré, em São Paulo.

Escolhi e meu marido concordou com o nome de nossa filha, porque quando eu era criança nas brincadeiras do faz-de-conta, sempre trocava meu nome pelo nome de Fernanda, e Cristina em homenagem a minha tia que eu amava tanto.

Seus padrinhos são Manoel Bermudes e Maria Francisca Rodrigues Bermudes, ele irmão de meu marido.[40]

Na ocasião, morávamos ainda no bairro Parque Santo Antônio e meu marido trabalhava como taxista em São Paulo.

[40] Da esquerda para a direita, M ª Francisca, Manoel, M ª Angélica, Miguel, bebê Fernanda e quanto ao padre não lembro seu nome.

No ano de 1977, em questão de quinze dias, nosso taxi foi envolvido em dois acidentes, causando grande perda material, ficamos com nossa situação financeira complicadíssima.

Minha filha ficava então com minha mãe durante o dia e eu voltei a trabalhar na mesma Empresa de quando eu era solteira, já que sempre entravam em contato comigo solicitando meu retorno.

Trabalhava como chefe de Departamento Pessoal, e depois de algum tempo meu marido também foi trabalhar na mesma empresa, como motorista.

Quando na disciplina Planejamento e Gestão Escolar, estudamos o texto Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: História da manipulação psicológica no mundo do trabalho, onde diz:

> *(...)Se assim é, não devemos nos surpreender com a valorização dada por Taylor à hierarquia, à disciplina e ao controle por parte dos que sabem, pois "saber é poder". A convicção de que a única épistéme legítima é a gerada pela ciência, por meio do método experimental-matemático (critérios empíricos e lógicos), dá a entender que existe um modo melhor de execução de uma tarefa que deve ser padronizado e impingido a todos, o one best way (a melhor das maneiras).*
>
> *Ademais, sob influência de alguns fundamentos de Comte, presentes em sua época, Taylor faz supor um sujeito absolutamente racional, capaz de fazer uma opção conhecendo todas as possibilidades de ação e suas eventuais conseqüências : o homo economicus, que toma uma decisão sempre pautada em valores econômicos.*
>
> *Esse sujeito "racional", munido de cronômetro e prancheta, instrumentos "científicos" da época, registrava e analisava tempos e movimentos dos operários em seu trabalho. Por esse estudo, Taylor pretende conseguir o maior rendimento sem comprometer em demasia a saúde do trabalhador. 'É o capital que reconhece a fisiologia do trabalho – sua saúde, se o operário reconhecer a fisiologia do capital -, continuidade e eficiência na produção. (HELOANI, 2003, p. 26).*

Recordei-me portanto da empresa, onde os funcionários como no Filme Tempos Modernos, tinham seus gestos repetitivos e no texto acima referido, quanto ao funcionário com o cronômetro apontando produção e informando-me os que

estavam trabalhando a contento e os que estavam abaixo do esperado para que providências fossem tomadas.

Reflito também sobre a educação, e quanto aos professores que ainda continuam com seus gestos repetitivos de ir e vir, sempre nas mesmas práticas, até que sejam chamados para uma tomada de consciência e postura adequada quanto as nossas responsabilidades enquanto educadores, pois com relação ao “nosso material” humano com certeza os prejuízos causados não tem retorno.

Após ter voltado trabalhar nossa situação foi normalizando, compramos um terreno, construímos nossa casa, compramos nosso carro e quando nossa vida já estava estabilizada, parei de trabalhar em novembro de 1986 para realizar um sonho que estava guardado com carinho, ou seja, fazer o curso de magistério.

O CAMINHO DO SABER, UM DESAFIO CONSTANTE

Nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol
faça do seu olhar imensa caravela.
Roseana Murray[41]

Iniciei o curso de magistério no ano de 1987, na Escola Estadual de 1° e 2° Graus "Lopes Trovão"[42], e nunca esqueço o primeiro dia de aula, quando entrei na sala, muito bem vestida, todas as alunas correram sentar e eu fui sentar também pensando que a professora estava chegando, qual não foi a surpresa quando percebi que o grupo sentou-se devido a minha presença, isso foi hilariante, pensaram que eu era a professora. Aí começou uma bela amizade. A sala em sua maioria era de adolescentes, haviam apenas oito jovens mulheres casadas, eu era a mais velha, já estava com 32 anos.

Nos foi explicado na ocasião que o primeiro ano seria de colegial e após o segundo ano, o magistério.

O comentário da ocasião era de desvalorização do curso pois muitos diziam

[41] Roseana MURRAY, Receitas de Olhar, p. 44. – 1999.
[42] Hoje esta Escola foi municipalizada e chama-se Escola Municipal de Educação Básica "Lopes Trovão"

que as pessoas que optavam por fazer o magistério era porque não queriam estudar física e química, porque queriam um curso profissionalizante, muitos porque achavam que o curso era num vocabulário chulo, “uma baba”. Isso nos incomodava porque estávamos lá com a certeza do que queríamos, ser professora e fazer a diferença.

> *Educar e educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem, e, por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais, em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem – em saber que pouco sabem – possam igualmente saber mais. (FREIRE,2001)*

O curso em seu primeiro ano também teve física e química, muito difícil com certeza, não deixamos nada a desejar. Seguimos de cabeças erguidas esforçando-nos ao máximo.

Éramos avaliadas diariamente, exigido inúmeros trabalhos escritos, individual e em grupo, seminários, provas individuais e em duplas, exposições, teatro[43], estágio, muitos livros para leitura. A maioria das alunas assinavam a revista Nova Escola, tínhamos grandes trocas de materiais e conhecimentos.

Tínhamos muito compromisso com o curso pois sabíamos que seres humanos estariam em nossas mãos brevemente, e continuo pensando que não podemos apenas deixar que os mesmos ou nós passemos pela vida sem deixarmos presença positiva, que enquanto educadores é nosso dever fazermos a diferença na vida daqueles que estão aos nossos cuidados pedagógicos. “Todo homem culto

[43] Teatro apresentado na própria escola para os demais alunos.

deve instruir-se continuamente pela experiência duma vida cujo processo não estaciona". (Pierre Celetin)

É nosso dever também procurarmos sempre estar nos atualizando, pois essa prática tenho há muito tempo e quando cursava o magistério, fiz cursos de boneca e bichinhos, pintura em tecido I, corte e costura, cursos estes proporcionado pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, os quais, contavam pontuação na escala de atribuição de aulas e as professoras concursadas também assumiam estas aulas.

Não fiz tais cursos pensando na pontuação e sim porque os mesmos davam-me recursos para preparar os materiais didáticos, melhorar minha prática. Participei também do curso "Alfabetização a partir do corpo", "Palestra sobre o desenvolvimento da linguagem e inteligência", "curso "Projeto Ipê[44] – A criança e o conhecimento: Retomando a Proposta Pedagógica do Ciclo Básico".

Quanto mais eu estudava, mais conscientizava-me que:

"saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção".[45]

Todos os anos do curso do Magistério, foram marcados por muita luta, firmeza, ansiedade em melhorar sempre a minha busca pelo saber.

> *A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Essa atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes...*
>
> *Formação que se funda na análise crítica de sua prática."(Freire 2001)*

[44] Projeto Ipê – Atualização e Aperfeiçoamento de Professores e Especialista em Educação por multimeios.
[45] Paulo FREIRE, Pedagogia da Autonomia, 2000, p. 52.

Das fotos que possuo do período do curso do Magistério, elenquei três fotos que foram tiradas no ano de 1990[46] quando apresentamos um teatro em nossa sala, e posteriormente para os demais alunos da escola. A história foi narrada pela Selma, contando a vida do vampiro (Elizabete) que apaixona-se por uma garota (Abgair) que tinha um irmão surdo, com deficiência e transtorno mental e que era muito ciumento. *"Passamos a amar não quando encontramos uma pessoa perfeita, mas quando aprendemos a ver perfeitamente uma pessoa imperfeita. (San Kenn).* O teatro foi hilário e como podemos observar na segunda foto, a Elizabete (de preto) está contendo a risada com tantas que eu (corcunda) fiz e exagerei nos "não" combinados da apresentação. A terceira foto, da esquerda para a direita: Abgair, Selma, eu e a Elizabete.

[46] Estávamos já no 4 º Magistério.

Outro momento marcante do curso foi quando no dia 30 de junho de 1990, fomos à Paranapiacaba com a Professora de Metodologia, Silvacê, desenvolver um trabalho sobre como programar e levar nossos alunos à uma excursão.

Esse trabalho foi desenvolvido pelo meu grupo e após apresentação em sala, agendamos e fomos ao passeio[47].

[47] Estação Ferroviária de Paranapiacaba - SP

> *Uma escola sem coercitividade, na qual o aluno é convidado a experimentar ativamente para reconstruir por si mesmo o que deve aprender. Vemos já traçado o esboço do projeto educativo piagetiano. Mas atenção: não se aprende a experimentar vendo simplesmente o mestre experimentar ou se entregando aos exercícios já totalmente organizados: não se aprende a experimentar senão tateando por si mesmo, trabalhando ativamente, isto é, livremente e dispondo de todo tempo. (Piaget, 1949, p.39).*

Recordei-me desse passeio à Paranapiacaba quando estudamos os cinco eixos norteadores da Disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, anotei a lembrança sobre o vivido e o estudo acadêmico para hoje inserir neste memorial.

> *Não importa se esse lugar onde se vive seja pensado como o município [...], seja ele a área urbana ou rural, o bairro central ou periférico, a vila ou mesmo a rua ou estrada onde vivem as pessoas. Importa ser uma extensão territorial que já seja ou possa vir a ser pisada pelos próprios pés e observada pelos próprios olhos e ouvidos daqueles que estão em processo de conhecimento do mundo que é próximos ao corpo, do mundo que lhe é sensível à pele, ao nariz e, quem sabe, à boca". (Oliveira Jr. 2003).*
>
> *(...)as fotos participam da construção de uma memória sobre o lugar e vão participando da configuração de uma inteligência[48] que nos permite ler e significar o mundo, as coisas e os lugares nele existentes. E nessa construção não há como separarmos as dimensões estéticas das dimensões informativas ou políticas destas fotografias.*

[48] Idéia desenvolvida no ensaio A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão de Milton José de Almeida.

> *Nesse sentido, é importante que se tome as fotografias não apenas como interface entre o visual cotidiano e as linguagens que apresentam o mundo de maneira mais codificada. Cumpre lembrar: olhar fotografias é uma maneira de educar o olhar: Essa educação pode tanto reforçar formas habituais e massificadas quanto pode encontrar outros jeitos de olhar o mundo, de modo a nos permitir encontrar outros entendimentos e outras poesias nas coisas expostas aos nossos olhares no dia-a-dia de nossas caminhadas pelas calçadas e nossas debruçadas nas janelas...(Oliveira Jr. 2003)*

Torna-se riquíssima a aula, quando o professor têm a prática de registrar as experiências, os momentos vividos por ele e seus alunos, registros estes, feitos fotograficamente ou em vídeo, para que juntos possam compartilhar esse material, explorá-lo, aguçarem os olhares, desvendarem o ainda oculto.

Em nossa sala do magistério, tínhamos essa prática, éramos em vinte e nove alunas e apenas a Miriam desistiu no quarto ano porque chegou a conclusão que realmente não era o que queria para a sua vida.

Cada livro que líamos, apresentávamos uma devolutiva. Dentre os inúmeros livros que li, gostei muito de Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia, ambos do Mestre Paulo Freire, os quais, fazem parte deste memorial, atualmente estou relendo Pedagogia do Oprimido para a disciplina de Currículo e Escola, com a professora Ângela Júlia Ghiraldelli.

Vínhamos nos preparando para a formatura desde o segundo ano do magistério, e devido a desentendimentos com o pessoal do colegial noturno, acabamos fazendo a colação separadamente e sem a festa de formatura.

Foi tudo muito simples e organizado. Conseguimos a capela da FEI – Faculdade de Engenharia Industrial, em São Bernardo do Campo e colamos grau na noite de 12 de dezembro de 1990. (Inesquecível)

Maria Angélica Amador Belmudes
e demais formandos da E. E. P. S. G. Lopes Trovão,
têm o prazer de convidar V. Sa. para a solenidade de
sua Colação de Grau, a ser realizada:
Dia: 12 de Dezembro de 00
Horas: 19:00
Igreja: Capela da F. E. J.
Local: Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
São Bernardo do Campo.

Foi uma noite maravilhosa e meu sonho de ser professora estava finalmente realizado.

JURAMENTO

"Juro solenemente, perante Deus e a sociedade, manter o mais alto grau de honra pessoal e integridade profissional, cumprir a lei e os deveres de professor, devotar-me à educação e instrução dos que me forem confiados, incutir-lhes o amor a Deus consagrando o melhor de meu espírito e o máximo das minhas energias pelo desenvolvimento e grandeza da Pátria e pelo bem da humanidade."

Naquela noite também homenageamos nossos professores, os quais doaram-se intensamente para que nós nos tornássemos excelentes educadores, e coube a mim fazê-la.

Da esquerda para a direita, eu, Elizabete, Abgair, Selma.

Após a colação de grau, já estávamos com quase tudo arrumado para mudarmos para a cidade de Indaiatuba, onde já tínhamos uma casa que encontrava-se alugada, meu marido pretendia dar entrada na documentação da aposentadoria nesta cidade, eu havia prestado o concurso público Municipal e estaríamos muito próximo da UNICAMP, onde possivelmente se realizaria o sonho de minha filha estudar medicina.

Quase tudo deu certo.

Mudamos no dia 20 de dezembro de 1990, e tudo para nós era novidade, provenientes da agitação de uma cidade grande como São Bernardo do Campo, para uma cidade do interior, com qualidade de vida.

Existiam poucas empresas, o ar puro que já não tínhamos mais em São Paulo, as estrelas que há muito tempo não víamos devido a poluição, vizinhos que se importavam conosco sendo que na cidade grande não sabemos quem são nossos vizinhos. Que delícia de lugar!!!

Estranho para nós, era todo o comércio fechar ao meio dia e retornar às catorze horas, quantas vezes ficamos sem comprar alimentos emergênciais, pois esquecíamos que os mercados e padarias fechavam também. Fomos nos adaptando num lugar em que as pessoas preservavam muito o sobrenome, costume pouco usado numa cidade grande. Meu marido acertou toda a aposentadoria, minha filha deu continuidade na oitava série do ensino fundamental, eu fui aprovada no concurso público Municipal, iniciei minhas atividades em 18 de março de 1991.

Com certeza o sonho concretizado em formar-me professora, agora atingia seu grau máximo eu realmente não era apenas professora, exercia a profissão.

Minha primeira turma foi na Educação Infantil, uma sala de nível III, crianças de 06 anos.

Fui trabalhar na E.M.E.I. “Professora Maria Nazareth Pimentel”, a qual, participei da solenidade de inauguração. Tudo era novidade, o sistema de ensino muito diferente do que eu conhecia. Essa escola localizada no Bairro Jardim Morada do Sol, estava muito próxima de minha residência. A comunidade maravilhosa.

Após uma semana que já estava trabalhando, fui chamada para assumir uma segunda sala também de nível III. A professora estava ascendendo para o cargo de Coordenadora de Unidade Escolar e eu assumi então, a E.M.E.I. “Dr. Jácomo Nazário”. Esta escola ficava no centro da cidade e era muito diferente uma comunidade e outra em se falando de nível sócio-econômico.

Desde o início de minhas atividades, tinha o hábito de programar minhas aulas e fazer o registro escrito e muitas vezes o fotográfico. Em casa sempre refletia o que poderia ser melhorado em minha prática, sempre estava ocupada com leituras e confecção de jogos e brinquedos para tornar minhas aulas cada vez melhores. Mas também nem tudo eram flores, lembro-me de um episódio neste primeiro ano de minha prática que veio a tona agora com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade, quando a professora Marilac pediu que fizéssemos um relato de experiência em sala de aula. Recordei-me de um dia que estávamos trabalhando o tema Festa Junina, e minhas crianças estavam pintando um desenho mimeografado, prática daquela época, e quatro meninos de uma mesma mesinha desenharam o pênis em seus homenzinhos. A atitude que tomei foi completamente inadequada, chamei a atenção dos mesmos, recolhi (não de forma violenta é claro) e substitui as atividades para que fizessem outra e guardei a anterior para mostrar para suas mães e minha coordenadora quando viesse nos visitar. As mães ficaram muito bravas com seus filhos e posteriormente a coordenadora orientou-me sobre as curiosidades sexuais das crianças, sobre novas descobertas, sobre o conhecimento do próprio corpo, das comparações que fazem com os colegas, que provavelmente pela educação repressiva que tive quando era criança, o comportamento das crianças, causou-me todo esse desconforto, mas que era normal para a idade deles.

Avaliei o quanto a educação repressiva que tive, a falta de experiência e leituras adequadas fizeram a diferença naquele momento, o quanto as crianças foram prejudicadas.

Comparei e refleti através da leitura do livro Sexualidade (s) e Infância (s) A sexualidade como um Tema Transversal, proposto no curso de Pedagogia, pela professora Marilac, que tanto enriqueceu nossos conhecimentos. Penso que não basta apenas gostarmos de crianças, é necessário disciplinas específicas, leituras adequadas e um debruçar total sobre o assunto para que não tenhamos essas experiências desagradáveis que tanto pode "marcar" um ser humano.

> *Entre a idade de 2 e 6 anos, as crianças se tornam conscientes das diferenças genitais entre os sexos, expressam curiosidade sobre a reprodução e nascimento, desenvolvem romances infantis, e se envolvem em vários tipos de brincadeiras com sexo. Embora muitos de nós associemos o tópico de educação sexual com adolescência, as crianças pequenas fazem mais perguntas relacionadas com sexo do que crianças de qualquer outro grupo de idade. (Hattendorf, 1932; Slrain, 1948).*

Cada atividade, cada evento era pensado passo a passo. Lembro-me que no ano de 1992, programamos a festa para o dia das mães, a escola estava lotada e no momento da apresentação de minha turma, fomos fotografados e qual não foi minha surpresa, saímos no jornal da cidade, possuo o recorte em um dos álbuns que fui sequenciando minha prática, mas infelizmente esta foto não poderá fazer parte do memorial devido a Lei que regulamenta o uso de Imagens.

No ano de 1993 foi construída uma nova Escola Municipal de Educação Infantil, a E.M.E.I. Professor Nízio Vieira, localizada apenas a duas quadras de minha residência e eu fui para esta unidade.

Continuei meus registros, e no ano de 1994, um dos eventos foi a festa do Folclore, a qual, tenho fotografada. Cada turma apresentou uma dança, a minha foi

o frevo. Confeccionamos todos os guarda-chuvas, máscaras, todas as apresentações foram maravilhosas e muito prestigiada pela comunidade.

Eu adorava quando tínhamos que programar as festas. As crianças eram envolvidas na parte pedagógica e nós procurávamos sempre contextualizar.

No ano de 1995, para a festa Junina, fizemos um painel de milharal que foi cenário para inúmeras fotos. Após o término da festa, minha amiga Emília de Fátima Gotardo e eu posamos para o registro.

Além das festas internas, tínhamos também a prática de levarmos nossas crianças a passeios ao Shopping Center, ao Centro Esportivo do Trabalhador, cinema, a outras Unidades da Rede Municipal.

Ficou marcante também para mim, no ano de 1996, o trabalho que desenvolvemos sobre o folclore com as crianças na E.M.E.I. Professor Nízio Vieira, o assunto foi bastante explorado e como produto final, tivemos nossa exposição. Como havíamos trabalhado com as crianças sobre o carro de boi, meu pai que em sua infância teve contato com esse cenário histórico, reproduziu com argila e madeira para a nossa exposição, um bumba-meu-boi e um carro de boi, que foram a atração da exposição.

Escolhi uma foto e esta é apenas uma amostra do que foi nossa exposição. Foram desenvolvidos inúmeros trabalhos manuais com as crianças, a respeito.

As atividades já vinham prontas da gráfica da Secretaria Municipal de Educação. Era permitido que acrescentássemos alguma coisa porém não poderíamos deixar de dar as atividades programadas pela equipe pedagógica.

Haviam poucas coordenadoras e Diretoras e estas ficavam na Secretaria da Educação e faziam visitas periódicas nas Unidades Escolares.

Continuei desenvolvendo meu trabalho procurando diversificar, sempre com a autorização da secretaria, promovendo palestras com diversos convidados capacitados para os mais diferentes assuntos que se encaixavam nos temas trabalhados, bem como envolvendo a comunidade escolar seja no plantio de árvores, coleta de lixos recicláveis, gincana com os pais. (existem registros fotográficos).

Lembro-me que no ano de 1997, trabalhava com o nível III, (Crianças de seis anos), na EMEI do Parque das Nações, era uma prática combinarmos o que

faríamos no dia seguinte, e as crianças vibraram ao saber que trabalharíamos com pintura da parede. Todos vieram mais eufóricos dos que nos outros dias.

Expliquei novamente sobre a atividade de pintura que realizaríamos em uma das paredes e no muro da Unidade Escolar. As crianças mal viam o momento de começar. Orientei-as na preparação das cores, na distribuição dos materiais pelo ajudante do dia. E lá fomos nós para nossa “obra de arte”. Todos tiveram a oportunidade de compartilhar: espaço, materiais, sugestões e finalmente a tão esperada pintura. Foi um dia diferente para as crianças, pois puderam vivenciar o preparo das cores, que até então, apenas haviam experimentado com lápis de cor e giz de cera. Houve bastante entrosamento por parte das crianças, no desenvolvimento da atividade. Após terem terminado a pintura, ajudaram a lavar os pincéis, organizaram as tintas em seu espaço comum, arrumamos a sala, tiramos algumas fotos e saímos. A medida que os pais e ou responsáveis iam “pegando” seus filhos, os mesmos iam contanto sobre a atividade. Foi uma riqueza!!! Logo em seguida, pedi para a servente da Unidade Escolar, fotografar-me. Foi um momento marcante, pois estava vivendo um momento de realização profissional e minha vida pessoal também estava muito bem. Pedi que o registro fosse feito, quando eu sentasse sobre o tronco de uma das árvores que havia sido cortada por necessidade e lembro-me que chorei naquele dia, mas a mesma estava plantada de forma irregular, podendo causar danos a muitos.

No dia seguinte, a nossa “obra de arte” foi muito elogiada pelos pais. Foi muito gratificante.

Tenho inúmeras fotos das mais variadas atividades que desenvolvi na época, naquela Unidade escolar, optei por esta pois é uma das especiais de minha vida.

Outra foto que também deve fazer parte deste memorial, refere-se a atividade de pintura livre que desenvolvi com minha turma de nível III, na E.M.E.I. e Creche “Dona Rosinha Candello”, no mesmo ano, onde registrei fotograficamente todo o processo e apenas posso publicar a foto do Rafael Willian Bomfin, devido ter perdido contato com os demais alunos.

Criar é próprio do artista; onde não há criação, a arte não existe. Mas seria enganoso atribuir este poder criador a um dom inato. Em matéria de arte, o criador autêntico não é apenas um ser dotado; é um homem que soube ordenar para sua finalidade todo um conjunto de atividades cujo resultado é a obra de arte. É assim que para o artista, a criação começa na visão. Ver, isso já é uma operação que exige esforço.[49]

Pensar a atividade artística na Escola é, necessariamente, pensar a educação do olhar, a educação sensível e inteligente do olhar.

Olhar todas as coisas como se as estivéssemos vendo pela primeira vez, entrar em diálogo com elas e neste diálogo criar símbolos que expressem o que sentimos e pensamos.

Esse é o primeiro passo para o desenvolvimento da linguagem visual."[50]

No ano de 1998, a Rede Municipal de Indaiatuba municipalizou o ensino fundamental abrangendo apenas de primeira a quarta série.

Foi concedida a oportunidade aos professores da Rede Municipal, migrarem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. E mais uma vez vou para uma

[49] H. MATISSE, Com olhos de criança: idéias coletadas por Régine Pernoud Le Courrier del'UNESCO, 1953.
[50] Caderno de Formação – Artes visuais p. 46 – 1999.

escola que acabara de ser construída, desta vez para abrigar a municipalização. Assumi uma sala de educação infantil, nível III pela manhã e dobrava período na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Elizabeth de Lourdes Cardeal Sigrist”, com uma quarta série.

Eram duas realidades completamente diferentes, os pequenos completamente dependentes, aprendendo alguns passos para sua autonomia, os alunos da quarta série, já adolescentes, com certa autonomia e enormes dificuldades na leitura e escrita. Tinham sua leitura de mundo, sabiam solucionar oralmente as situações problemas, porém seus pequenos textos necessitavam de uma atenção maior. Realizei um excelente trabalho com essa quarta série.

Desenvolvemos um trabalho com elaboração de textos com as três quarta séries. Os melhores textos receberam como incentivo, um passeio ao Play Center, onde eu os acompanhei como responsável pelas turmas. Foi um dia maravilhoso e os alunos sentiram-se muito valorizados.

Foram vários os projetos desenvolvidos e festas marcantes. Uma delas foi a Festa Junina, onde todos os professores caracterizados participaram das danças. Mais uma vez a professora Emilia de Fátima Gotardo foi meu par.

Ainda no ano de 1998, uma festa marcante foi a do dia das crianças, onde eu “fantasiei-me” de palhaço e pude proporcionar muita alegria às crianças da Emei “do Parque das Nações”.

Neste ano também participei do I Simpósio do Laboratório de Gestão Educacional – LAGE, o qual, foi realizado no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba.

Iniciamos os preparativos para a festa de encerramento do ano letivo de 1998, as primeiras turmas da municipalização que se formavam. Foi um evento maravilhoso. Em todas as festas sempre contamos com a presença do Prefeito Reinado Nogueira Lopes Cruz e sua equipe, com a Secretária Municipal de Educação Professora Doutora Jane Shirlei Escodro Ferreti, a Assessora da Secretaria Municipal de Educação Professora Ivana Perini Zoppi, a Diretora do Departamento de Ensino Fundamental professora Cleusa Camilo Nogueira Apolinário, a Diretora do Departamento de Educação Infantil Professora Jeanete Escodro, e com as supervisoras.

No final da festa a professora Emília e eu tiramos uma foto, com o Prefeito.

No ano de 1999, migrei novamente para o Ensino Fundamental, deixando de vez o Ensino Infantil, já que era concursada pela segunda vez desde 28 de agosto de 1996. Fiquei então na E.M.E.F. “Professora Elizabeth de Lourdes Cardeal Sigrist, com duas quarta séries. No ano de 2000, permaneci na mesma Unidade com duas terceira séries.

No decorrer de todo esse tempo na Rede Municipal, foram muitas as experiências, estudos, capacitações, encontros, cursos, dentre eles, Projeto Educativo de Reciclagem de lixo, Organização de Material Didático e Instrumentos de Avaliação da Prática Docente na Pré-Escola, Como Incentivar o Hábito pela Leitura, I Encontro sobre Síndrome de Down, Encontro de Educadores em busca da qualidade pedagógica, I Simpósio do Laboratório de Gestão Educacional FE/UNICAMP, Seminário “Plano Nacional de Educação”, Programa de Capacitação “PCN em Ação”.

A minha vida profissional e familiar estava caminhando muito bem. Devo também registrar aqui uma passagem, que já não é tão comum em nossos dias. No dia 12 de abril de 2000, completamos 25 anos de casados e confirmamos nossos votos perante Deus e a igreja. Desta vez não mais em São Bernardo do Campo, mas na Igreja de Santo Antônio, no bairro Jardim Morada do Sol, em Indaiatuba.

Foi uma cerimônia simples, maravilhosa, realizada na hora da missa, tão emocionante quanto a primeira.

Da esquerda para a Direita, minha filha Fernanda Cristina, meus pais Gertrudes e Quirico, meu marido e eu.

No dia 28 de junho de 2000, assumi a promoção por acesso, ao cargo de carreira de Coordenador de Unidade Escolar. Fui então trabalhar na E.M.E.I.E.F. “Professor Osório Germano Silva e Filho.” Dividia a coordenação com a colega Cláudia de Almeida Maia, tendo como Diretora Tânia Regina Cataldi Milan. Permaneci nesta Unidade até dezembro, e foram muitas experiências profissionais e pessoais, criei um enorme vínculo afetivo com a oficial de Escola Ana Regina Bernardini Braz, pessoa extremamente humana, capaz, e que muito me ajudou.

No ano seguinte, 2001, fui designada para a E.M.E.F. “Professora Elizabeth de Lourdes Cardeal Sigrist, fazendo parceria na coordenação com a colega Arlete Santana de Barros e com a Diretora Maria Helena da Costa e Silva.

Foi um ano espetacular, muito estudo, orientações, festas, reuniões, curso de Capacitação “O Desenvolvimento Moral Numa Perspectiva Construtivista”, vínculos afetivos, trabalho árduo porém compensador por todo o crescimento que tive.

No dia 30 de novembro deste ano, sofri um acidente de trabalho, que deixou-me sete meses afastada de minhas funções. Sai da unidade Escolar para levar uma professora até o hospital e quando retornava, tive um mal estar no volante, perdi os sentidos, e o carro desgovernado avançou uma rua preferencial, fui colhida por um ônibus, tendo meus dois pés quebrados, muitos hematomas e o carro totalmente destruído. Fui socorrida pelo Resgate, precisei fazer uma cirurgia no pé esquerdo e este foi reconstituído com uma placa, seis parafusos e dois pinos, e foram quatro meses de cadeira de rodas, muletas, bengala e para espanto dos médicos, uma recuperação rápida.

Aproveitei esse tempo de aprendizagem, para leituras e estudos.

No dia 08 de abril de 2002, foi expedida uma circular pela Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba, comunicando o convênio estabelecido com a UNICAMP, para que fossem habilitados Professores e Coordenadores em Nível Superior no Curso de Pedagogia. Fiquei desesperada, estava afastada e provavelmente não teria direito ao curso. Intensifiquei minha fisioterapia na clínica e fazia os exercícios também em casa. Fiz a inscrição e aguardei ansiosamente pela alta médica e pelo vestibular.

No dia 25 de junho de 2002, tive alta médica e passei pela Secretaria Municipal de Educação para comunicar-lhes e saber para que escola seria designada. A Diretora do Departamento de Educação do Ensino Fundamental, Professora Cleusa, designou-me a E.M.E.F. Padre Joaquim, recém inaugurada, para que eu implantasse a sala de jogos. Fiquei muito feliz. Ao chegar em casa tinha um recado para que eu entrasse em contato com a Secretaria. Que bela surpresa,

a coordenadora da E.M.E.I. e Creche “Dona Rosinha Candello”, estava para sair de licença maternidade e eu fui designada para substituí-la.

Retomei minhas atividades no dia 26 de junho, sendo muito bem recebida pelos funcionários, e pela coordenadora Valquiria Crepaldi, coordenadora da E.M.E.I. A coordenadora da creche, Keila Klinke Machado, muito amorosa, passou-me todas as atribuições do cargo. Ficamos juntas alguns dias e depois assumi a creche sozinha.

Tive o apoio de todos os funcionários e em especial da Oficial de Escola Marlene Madalena Ricioli, pessoa extremamente humana, e que colaborou intensamente.

Eu, e Marlene ao computador.

Tive também as orientações de minha Orientadora Pedagógica, responsável por todas as creches municipais de Indaiatuba, Eleni Aparecida Antunes Pinto, as colegas coordenadoras de creche colocaram-se ao meu dispor para quaisquer dúvidas, por uma vez que eu era oriunda do Ensino Fundamental.

No dia 08 de julho de 2002, recebi um Ofício Especial da Professora Dra. Jane Shirley Escodro, parabenizando-me pelo meu interesse em cursar Pedagogia e colocando o quanto foi difícil conseguir o apoio do Governo do Estado para esse projeto, bem como, relata o apoio recebido através dos Prof. Dr. Angelo, Hermano, Elizabete, Águeda, Ana Luiza, Sérgio Leite e outros. Aproveitou ainda para informar que as provas estavam marcada para o dia 21 de julho, em fase única.

Prestei então o vestibular, e aguardava ansiosamente pela aprovação, afinal cursar uma UNICAMP, acredito que seja o sonho da maioria dos brasileiros.

“ESTAVA ESCRITO NAS ESTRELAS... TAVA SIM”[51]

Finalmente saiu a listagem dos aprovados via Internet, eu fiquei eufórica ao ver meu nome. Agradeci imensamente a Deus por tamanha felicidade.

“Há tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.” (Eclesiastes, 3:2).

Novamente a Professora Dra Jane Shirley Escodro enviou um oficio, desta vez parabenizando-me pelo belo resultado de aprovação na seleção do Curso de Pedagogia a ser ministrado pela UNICAMP aos profissionais da Educação, pertinente à Região Metropolitana de Campinas.

Em seguida recebi um comunicado do Reitor Henrique de Brito Cruz convidando para a Sessão Solene de Abertura do Curso de Pedagogia - Programa Especial de Professores da Região Metropolitana de Campinas, a ser realizada dia 26 de agosto de 2002, as 20:00 horas, no Centro de Convenções – UNICAMP.

Foi mais um sonho realizado e passei então a carregar com muita responsabilidade um nome como a UNICAMP em meus dias.

Foi uma longa caminhada toda noite, indo para Vinhedo após uma jornada de trabalho, retornar ao meu lar e a maioria das noites ficar até as duas horas da manhã estudando e acertando detalhes para o dia seguinte.

Nada disso cansou-me ou deixou que eu ficasse desestimulada pois como sabemos a vida do educador é de incansável busca constante.

O Curso de Pedagogia, fez toda a diferença em minha vida. Com ele, retomei

[51] Tete Espinola

leituras do tempo do magistério, e com essa retomada e com novo e mais aprofundado olhar, tracei paralelos; estudei novas disciplinas, outros autores, aprofundei e muito meus conhecimentos, embasei e novamente refleti sobre minha prática, principalmente na Disciplina Planejamento e Gestão Escolar, por uma vez que, como já citei anteriormente, ocupo o cargo de Coordenadora de Unidade Escolar; outras duas disciplinas que enriqueceram meu trabalho, foram as Disciplinas de Educação da Criança de 0 a 06 anos e Pedagogia da Educação Infantil, com elas pude identificar-me e comparar a teoria com minha prática, pois minha área é a Educação Infantil Creche. Todas as disciplinas e textos sugeridos pela Equipe da UNICAMP-PROESF tiveram sua importância para estudos, reflexões e mudanças em nossas vidas. Todos os textos foram bem trabalhados e compartilhados em classe com uma excelente atuação das professoras responsáveis em ministrá-los, bem como traçamos paralelos com nosso cotidiano profissional e a cada texto estudado, experiências de sala de aula eram compartilhadas por mim, pelas colegas e professores. Podemos portanto imaginar o quanto este curso pôde enriquecer e contribuir já que quanto maior a diversidade maior o enriquecimento entre os pares.

> *[...] Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela "aproximá-lo ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a*

> *disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também".*[52]

Um dos momentos do curso que comparei com minha prática, foi quando assistimos o filme "Quando tudo começa", onde o Diretor Daniel atendendo sua comunidade diariamente, com contatos diretos sempre preocupando-se com os mesmos, tentando resolver os problemas. Com o filme Billy Elliot, percebemos a discriminação das próprias famílias, quanto ao garoto que preferia dançar balet ao invés de lutar boxe como seu pai queria, comparei com um caso semelhante o qual presenciei em "minha" creche, um dia pela manhã quando um pai deixava seu filho com uma monitora, chamou a atenção do mesmo porque este não quis o carrinho e pegou uma boneca do cantinho dos brinquedos. Precisei intervir porque a fala da monitora não foi o suficiente para esclarecer o pai sobre o faz-de-conta, sobre as brincadeiras infantis.

No decorrer do curso tivemos muitos momentos com palestrantes convidados pelas alunas e professoras que muito acrescentaram em nossos conhecimentos, como por exemplo a Professora Deize Clotildes Barnabé de Morais que discursou com muita propriedade sobre o FUNDEF[53], as professoras Flávia Cristina Pinheiro Alves e Karen Cristine Vieira Amódio, que discursaram sobre a Deficiência Visual.

Quanto aos trabalhos por nós apresentados, um que foi bastante gratificante foi um que fiz com a colega Viviane Benjamin Penillo Rocha, sobre Literatura Infantil sob a orientação da Professora Mariana Ventura, na disciplina de história, quando utilizamos o Livro "Nós" de Eva Furnari, traçamos um paralelo do trabalho em sala de aula entre as cidades de Indaiatuba com duas salas de Educação Infantil com crianças de 05 e 06 anos tendo crianças com paralisia cerebral e uma com síndrome

[52] Paulo FREIRE, Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa, p. 43-44. – 2000.
[53] Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

dos ossos de vidro e em Itatiba, com crianças da APAE. Nosso produto final foi um texto encadernado, com as atividades fotografadas e filmada, entregues em um baú para a professora Mariana Ventura o qual foi entregue na UNICAMP.

"Wallon considera a pessoa como um todo. Afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano"[54]

PRÁ VIVER UM GRANDE ENCONTRO

É preciso despir o coração de todos os preconceitos.
É preciso abrir os ouvidos para ouvir e os olhos para enxergar e, depois de ouvir e enxergar por inteiro, analisar prós e contras.
É preciso aguçar a capacidade de receber, pois o momento é de receber orientações e também o de se doar, afinal NINGUÉM É TÃO SÁBIO QUE NADA TENHA PARA APRENDER, NEM TÃO INCAPAZ QUE NADA POSSA ENSINAR.
É preciso aceitar os demais participantes como eles realmente são e não como gostaríamos que fossem.
O que para nós é defeito, para outros é virtude.
É preciso entender os limites de cada pessoa e sabê-los diferenciar dos nossos. Algumas coisas têm que ser repetidas para que todos consigam entender.
É preciso interiorizar o espírito de grupo onde todos buscam um consenso para oferecer significativa contribuição para uma vida melhor.
É preciso enfim, se colocar em estado de graça, com a mente e o coração despidos de preconceitos e com a disposição de viver cada momento que passa, retirando dele todos os ensinamentos e experiências que nos farão crescer, como pessoa e como grupo e, que trarão, como resultado, a melhoria da qualidade do trabalho que realizamos.

Autor Desconhecido

[54] Revista Nova Escola. Março p. 31. - 2003

Participei de outras atividades e cursos como por exemplo, “Atividades da II Semana da Pedagogia: “A educação e as transformações sociais: o papel do professor/educador como agente transformador”, 8º Encontro de Educadores, palestra do PROCEL – Programa de Combate ao Desperdício de energia Elétrica, Oficina “Jogos matemáticos para Educação Infantil de 1ª a 4ª séries, 9º Encontro de Educadores, PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores.

Após o término deste curso, já tenho delineada minha próxima meta ou posso chamá-la de sonho a ser realizado, ou seja, cursar o mestrado na UNICAMP, direcionando meu projeto de pesquisa e reflexões para a adaptação da criança em creche.

“De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estamos sempre começando,
a certeza de que é preciso continuar
e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo para a dança,
Do sonho uma ponte,
Da procura um encontro”.
Fernando Sabino

-

UNICAMP
PROESF
PÓLO VINHEDO
TURMA J
2002 - 2005
ElianeIvandaLilianaLucianaLucianeLuciMaraMárciaMarianaMarilacMarilenMaurasilvia APSAldaAngelaBeatrizElianeSandraTeixeiraSaraSheilaSilviaSiomáraSoniaValquiriaVanessaVanildaVilmaVivianeWaldenBenjaminVivianeMaraSandraElaineSandraRegina
RegianaMariaValériaMaariaVivianaMartaNeuzaOdailRachelRafaelaMariaPOrtiriaMaria
SandraReginaCéliaReginaPaulaRitaRosanaAparecidaRosanaCristinaRosnaFermiRosanaFurlanirosaneRosaneRosemariPatriciaReginaAugustaAndreaMargarethMariaAngélicaMariadaGlóriaMariadasGraçasMariadoCarmoMariaIsabel
AnaClaudiaAndreaMargarethMariaAngélicaMariadaGlóriaMariadasGraçasMariadoCarmoMariaIsabel

REFERÊNCIA

ASSIS, Orly Z. Mantovani de (Org.). **PROEPRE : fundamentos teóricos e prática pedagógica para a educação infantil**. *Campinas, SP : Graf. FE ; IBD, 2003.*

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade : Lembranças de velhos.** São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

*BRASIL***. Estatuto da Criança e do Adolescente** – Lei n º 8.069 de 13 de julho de 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia : Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2000.

----------. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

HELOANI, Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado : História da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo : Atlas, 2003.

JANJÃ, Tiro e Queda. **Histórias da Ditadura : O Desfile**. http://proteus.limeira.com.br/tiroequeda/noticia.php?nnot=861. Acesso em: 28/06/2005.

KAMII, Constance. **A criança e o Número**. São Paulo : Papirus, 2001.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.), MOLINA, Alexandra da Silva et. Al. **Alfabetização e Letramento : contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas.** Campinas, SP : Arte Escrita, 2001.

MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da Animação***. Campinas, SP : Papirus, 1990.*

MARQUES, Mario Osorio. **4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão** [et al] : Ed. UNIJUÍ, 1999. – 108p.

MURRAY, Roseana. **Receitas de Olhar***. São Paulo : FTD. 1999.*

NUNES, Clarice. **O "velho" e "bom" ensino secundário : momentos decisivos.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo. N. 14, p. 45,58, Mai/Jun/jul/Ago. 2000.

OLIVEIRA, Reinaldo Ayer de. **Medicina Fetal : muito além do binômio**. Revista Ser Médico, São Paulo, n. 26, p.13, Jan.Fev.Mar. 2004.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **Aproximações entre a educação, as fotografias e as geografias do lugar onde se vive um estudo a partir do atlas municipal escolar de Rio Claro** – *São Paulo. 2003.*

OTTO, Clarice. **O feminismo no Brasil : suas múltiplas faces.** http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2004000200015&script=sci_arttext.. acesso em 28/06/2005.

PRIETO, HELOISA. (Org.) **O Livro dos Medos.** São Paulo **:** Companhia das Letrinhas, 2004.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira : A organização escolar**. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1988.

RIZZINI, Irma. **Pequenos Trabalhadores do Brasil***. In DEL PRIORI . Mary et al – 2002.*

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física escolar : Conhecimento e especificidade. 1996. Revista Paulista de Educação Física***.* São Paulo, supl. 2, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. São Paulo : Autêntica, 2001.

_____. **Metamemória – Memórias : Travessia de uma educadora.** São Paulo : Cortez, 2001.